



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Educação- FE

Thainá de Oliveira Masson

JÁ SABE LER?

**Temores e anseios da família e da escola
na alfabetização de crianças na educação infantil**

.

Brasília- DF

2020



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Educação- FE

Thainá de Oliveira Masson

JÁ SABE LER?

Temores e anseios da família e da escola na alfabetização de crianças na educação infantil

Trabalho de conclusão de curso apresentado à comissão examinadora da faculdade de educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de licenciado em pedagogia sob orientação da prof.^a Dr.^a. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Brasília- DF

2020

TERMO DE APROVAÇÃO

Thainá de Oliveira Masson

JÁ SABE LER?

Temores e anseios da família e da escola na alfabetização de crianças na educação infantil

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à comissão examinadora da Faculdade de
Educação de Brasília, construída por:

Prof^a. Dr^a. Maria Alexandra Militão rodrigues (orientadora)

Prof.a Dr^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues (Examinadora)

Prof. Dr Fernando Bomfim Mariana (Examinador)

Prof.a Dra Patrícia Lima Pederiva (Suplente)

Brasília-DF

2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido chances e caminhos para estar aqui hoje.

Agradeço aos meus pais, Mônica e Renan pelo carinho, amor e a ajuda para me reerguer nos momentos difíceis.

A meus familiares que sempre torceram pelo meu sucesso e a minha felicidade, em especial a Ana Beatriz, Renan Augusto e ao Guilherme.

Ao meu namorado, Conrado, pela compreensão, paciência e apoio durante toda a minha trajetória de dedicação aos meus estudos.

Às minhas amigas e amigos que foram meu suporte afetivo tão necessário no percurso árduo da graduação.

Ao meu trabalho que me fez perceber o quanto amava essa profissão e a minha aprendizagem concreta, em especial a orientadora Luciana, a Orientadora Valéria e as professoras da educação infantil.

A todos os professores e professoras que fizeram parte da minha história acadêmica e que contribuirá para o meu desenvolvimento como ser humano.

A todos que disponibilizaram sem tempo as entrevistas.

À minha Orientadora Professora Doutora Maria Alexandra Militão Rodrigues pela conduta carinhosa, atenta, sensível, paciente que sempre apoiou e me ajudou nessa jornada.

Agradeço à Universidade de Brasília por ter me motivado a concluir essa etapa, olhando com um olhar atento as pessoas como seres humanos e a minha profissão como possibilidade de mudança do mundo.

O que sabemos é que os professores que se atrevem a dar a palavra às crianças e a escutá-las descobrem rapidamente que seu próprio trabalho se torna mais interessante (e inclusive mais divertido), embora seja mais difícil porque os obriga continuamente a pensar.

Emília Ferreiro, 1992

RESUMO

O objetivo desse estudo foi problematizar os processos de alfabetização/letramento vividos na educação infantil, no âmbito da escola particular. Para tal, foi realizada uma revisão de literatura que envolveu o diálogo com FERREIRO (1987) e outros autores acerca de concepções e práticas tradicionais e inovadoras de alfabetização e letramento. A metodologia foi qualitativa, envolvendo entrevistas semi estruturadas com duas famílias e uma professora da educação infantil, num total de quatro sujeitos. Foram analisadas as concepções de alfabetização inerentes às suas narrativas, assim como as práticas de alfabetização/letramento relatadas, e ainda percepções, expectativas, ansiedades, medos e angústias manifestos por todos com relação a esses processos vividos pelas crianças, assim como dificuldades enfrentadas e soluções construídas. Por fim, discute-se caminhos possíveis no âmbito do trabalho pedagógico com a linguagem escrita na educação infantil.

Palavras-chave: alfabetização; letramento; educação infantil

Lista de abreviaturas e siglas

LDB

Lei de Diretrizes e Bases

PNAIC

Pacto Nacional pela
Alfabetização na Idade
Certa

PEI

Plano Educacional
Individualizado

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
ParteI - MEMORIAL.....	11
ParteII - MONOGRAFIA.....	14
INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I - ALFABETIZAÇÃO/LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS EM MUTAÇÃO.....	19
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	25
2.1 - Instrumentos	25
2.2 -Caracterização dos sujeitos	25
CAPÍTULO III - CONVERSANDO SOBRE ALFABETIZAÇÃO/ LETRAMENTO COM PAIS E PROFESSORA.....	28
3.1 Reconhecendo as concepções de alfabetização/letramento de pais e professora.....	28
3.2 Práticas de alfabetização/letramento em casa e na escola.....	29
3.3 Percepções, expectativas, ansiedades, medos e angústias dos pais e professora em relação à alfabetização/letramento das crianças.....	32
3.4 Dificuldades identificadas e soluções construídas: a necessidade da cooperação escola-família.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36

PARTEIII - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	37
--	----

REFERÊNCIAS.....	38
------------------	----

APÊNDICES.....	41
----------------	----

Entrevista 1.....	41
-------------------	----

Entrevista 2.....	52
-------------------	----

Entrevista 3.....	62
-------------------	----

APRESENTAÇÃO

Esse trabalho inicia-se com um Memorial, em que a autora narra fragmentos de sua história pessoal, na qual se entrelaçam parcerias trabalhistas e acadêmicas. O Memorial trouxe, ainda que superficialmente, como essas trajetórias contribuíram para o desenvolvimento e transformação da sua própria visão de educação.

Na segunda parte é apresentada a Monografia, com 2 capítulos. O primeiro capítulo, “Alfabetização/ Letramento na Educação Infantil: concepções e práticas em mutação”, apresenta as concepções tradicional e inovadora a respeito do tema, bem como a posição da autora, fazendo uma crítica a escolas que acreditam em modelos mais tradicionalistas.

No segundo capítulo, “ Conversando sobre alfabetização/ letramento com pais e professora”, a autora apresenta a metodologia utilizada no trabalho e analisa as narrativas dos entrevistados, com base em 4 categorias: as concepções de alfabetização/letramento de pais e professora; práticas vivenciadas na escola e em casa; percepções, expectativas, ansiedades, medos e angústias manifestadas por pais e professora; e por fim as dificuldades e problemas identificados na alfabetização/letramento das crianças e as soluções construídas no âmbito familiar e escolar.

Nas considerações finais a autora reflete acerca caminhos possíveis para o trabalho pedagógico com a linguagem escrita na educação infantil.

Na terceira e última parte desse trabalho esclarece-se sobre as perspectivas profissionais, em que a autora se vê como pedagoga atuante em escolas privadas.

PARTE 1

MEMORIAL

Meu nome é Thainá, tenho 22 anos e moro em Brasília. Nasci em Goiânia e vivi até os meus 7 anos em Aparecida de Goiânia com a minha avó materna. Minha família era composta pela minha mãe, meu irmão Guilherme, meu pai (que logo se separou da minha mãe) e a minha Avó.

Minha vida estudantil começou em uma escola pública no bairro “Aeroporto Sul” na cidade de Aparecida de Goiânia. Comecei a estudar no “pré-C”. Lembro-me da terra vermelha, do chão branco da escola, das músicas de carnaval e da música das famílias:

“B com A BA,

B com E BE,

B com I BI,

B com O BO,

B com U BU...”

Depois essa escola eu estudei em uma escolinha evangélica e depois fui para uma escola particular no bairro Garavelo. Eu gostava muito da escola, gostava dos amigos, do parquinho e muito da minha professora.

Quando a minha mãe se casou novamente, eu e meu irmão viemos morar em Brasília. Lembro-me da animação de escolher uma escola nova, da sensação de escolher os materiais e o uniforme. Mas logo essas sensações boas se transformaram em sensações ruins.

Minha alfabetização não foi muito boa, em uma escola pública, em um bairro muito afastado. Eu trocava fonemas, letras, não conseguia ler e escrever corretamente e a matemática era algo que me fazia arrancar os

cabelos. Ditados eram a pior parte, ainda vejo os X da cor vermelha e o grande ZERO na frente. Para piorar tudo eu sofri bullying durante muito tempo por causa do sotaque muito forte, o que resultou em dificuldade em tirar dúvidas e em ter amigos. Até hoje quando escrevo algo tenho que ter a atenção redobrada para não fazer nenhum erro ortográfico. **O medo ainda me persegue.**

Quando eu estava no ensino médio, o meu irmão mais novo (o filho da minha mãe com meu padrasto) começou a ter dificuldades na alfabetização e a escola acreditava que ele tinha dislexia (mais tarde foi comprovado que era questão de maturação). Perceber essa dificuldade, levar o meu irmão para as aulas de reforço, e ver seu empenho, me deu vontade de estudar sobre como era a escola, e como aprendemos. **Alem disso, provocou uma curiosidade em saber o porquê a escola não é igual para todos, sabia que cada um tinha a sua forma de aprender, mas por que não era ensinado para que efetivamente aprendessimos?**

Mais ou menos no meu quarto semestre de Pedagogia comecei a trabalhar em uma escola de educação infantil. Eu estava trabalhando no último ano da educação infantil e conseguia ver como as crianças decodificavam e as fases de desenvolvimento da leitura (pautadas em Emília Ferreiro) e isso me abriu as portas. Fui pegando mais matérias, para poder conhecer e aprender mais sobre tudo o que envolvia a alfabetização e a educação infantil.

Um pouco depois do meu primeiro ano na escola, alguns pais começavam a me procurar com ansiedades e medos desse processo de alfabetização, o que me fez ter mais vontade ainda de estudar sobre o meu tema de pesquisa.

Agora estou trabalhando com crianças ainda mais novas (um ano mais novas para falar a verdade) e já percebo a inquietude paterna no processo de

alfabetização. Pais muito inseguros, pensando se seus filhos realmente são capazes de fazer a grafema da letra, mas ao mesmo tempo ansiosos para esse processo rápido.

PARTE II
MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização/letramento sempre foi bastante discutido na Academia, assim como no âmbito do Ministério da Educação e nas escolas. Durante décadas algumas questões mobilizaram as discussões: Qual é o melhor momento para iniciá-lo? Qual o melhor método a utilizar para garantir o sucesso na alfabetização/letramento? Diferentes propostas foram elaboradas pelo MEC, nos últimos anos, como o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC, 2012). Mas afinal, qual a “idade certa”?

Indagações semelhantes manifestam os pais, preocupados se seus filhos estão no mesmo nível dos colegas, se estão aprendendo de maneira correta. A professora é competente? Como ensinar em casa? Em todas as situações, o adulto se assume como um mediador da aprendizagem: como eu (adulto) posso fazer as crianças aprenderem? Como eu (adulto) devo ensinar, qual conteúdo devo ensinar, que estratégias e recursos utilizar na alfabetização das crianças? Tudo isso é questionado assumindo frequentemente uma postura autocêntrica nos processos de ensino/aprendizagem.

Na minha percepção, embasada em autores e pesquisadores da alfabetização de crianças, há um grande erro em achar que nós, adultos, “comandamos” os processos de aprendizagem na educação infantil. Segundo Ferreiro (1990), as crianças não pedem autorização para aprender. Elas simplesmente decidem qual é o seu tempo e os assuntos de interesse; em uma sociedade saturada de informação. As crianças de hoje que estão no final da educação infantil e particularmente vivem em um mundo letrado conseguem, geralmente, reconhecer e distinguir símbolos, letras e números dispensando a intervenção do adulto. Claro que é dever do adulto incentivar o

desenvolvimento das competências, de leitura e escrita, mas não pré-determinando o que exatamente elas devem aprender. Refiro-me predominantemente às crianças de classe média que vivem em famílias com elevados níveis de letramento, que participam ativamente de atos e gestos de leitura e escrita dos adultos com quem convivem, que se deliciam desde cedo com as imagens e histórias de livros de literatura infantil.

Tudo isso nos leva a pensar sobre o papel da educação infantil no mundo atual. Há pessoas que acreditam que a educação infantil é o “trabalho” das crianças pequenas, outros ainda consideram que a mesma é depósito de crianças, onde os pais deixam os filhos para irem ao trabalho, e há aqueles que acreditam que as crianças só “brincam”. Engana-se quem acha que essa fase da educação é uma fase alienada, sem o objetivo se trabalhar intencionalmente a linguagem escrita e numérica, onde as professoras utilizam apenas recursos com imagens e as crianças brincam o tempo todo.

Na realidade acontece o contrário, em especial nas escolas particulares: a educação infantil cada vez mais está se aproximando do modelo do primeiro ano do ensino fundamental. Crianças sentadas por horas, realizando cópias e reproduzindo modelos de escrita apenas para a satisfação dos pais, deixando de brincar e priorizando os processos formais de escrita e leitura. Devemos lembrar que crianças na educação infantil precisam e devem brincar sim, pois é através das brincadeiras que elas desenvolvem seus conhecimentos e realizam interações; as crianças revelam o seu universo e suas concepções de mundo, observações do planeta e das pessoas que as cercam.

Após alguns anos trabalhando na educação infantil como professora auxiliar, em um colégio particular da cidade, pude perceber uma romantização do processo de alfabetização/letramento. Muitos professores

abordam esse tema como uma bolha, idealizado e não levando em consideração o interesse, conhecimento, vivências, competências e vontades de cada criança. A faculdade nos ensina teorias, concepções e práticas pedagógicas, mas a brutalidade das escolas particulares nos leva a refletir sobre os reais problemas: a divergência entre conhecimentos, expectativas e práticas nesse campo. A supervalorização do mundo da leitura, a dicotomia entre saber e não saber, a violência com o corpo da criança; o abandono de crianças cujos pais ausentes cobram resultados imediatos; a educação como mercadoria, gerando cobranças que desrespeitam o ritmo das crianças; e a enorme ansiedade da família em torno desse processo.

- Meu filho ainda não está lendo?!

Esta e outras indagações conduziram a problematizar os processos de alfabetização e letramento no âmbito da educação infantil, levantando alguns questionamentos para os quais queremos encontrar respostas neste trabalho por meio de uma pesquisa com pais e professoras de crianças da educação infantil em contexto de escola particular.

Assim, sentimos necessidade de refletir a respeito de concepções e práticas de alfabetização/letramento no âmbito da educação infantil; identificar expectativas, questionamentos, angústias e cobranças acerca desse processo por parte de famílias e professores; e por fim, propor caminhos diferentes para esse processo no âmbito de ensino/ aprendizagem de culturas letradas desta época.

A presente pesquisa teve como o objetivo geral problematizar os processos de alfabetização/letramento vividos na educação infantil no âmbito da escola particular.

Objetivos específicos:

1. Discutir concepções e práticas de alfabetização/letramento no contexto da educação infantil.
2. Identificar expectativas, questionamentos, angústias e cobranças acerca da alfabetização/letramento por parte de famílias e professores.
3. Propor caminhos de alfabetização/letramento com crianças na educação infantil.

REFERENCIAL TEÓRICO

CAPÍTULO I

ALFABETIZAÇÃO/LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS EM MUTAÇÃO

Podemos perceber a projeção de sucesso, na maioria dos pais, sobre qual é o perfil de adulto que seus filhos que se tornarão. Os pais sonham com adultos de boa estabilização financeira, com uma vida feliz e cheia de realizações. É compreensível. Os pais querem sempre o melhor para seus filhos, mas alguns pais fantasiam tanto que não veem os seus filhos, esquecendo que a criança, ali presente, tem um tempo e uma personalidade a ser respeitada. Por vezes, a ansiedade é tão grande em alcançar esses sonhos que criam expectativas e percepções que desrespeitam o próprio processo da criança.

A escola, por sua vez, assume posturas e desenvolve ações pedagógicas que podem se tornar problemáticas, dado que as indagações e curiosidades das crianças não são praticamente consideradas.

Tal realidade se torna particularmente dramática no que diz respeito à alfabetização na educação infantil, gerando expectativas e práticas descontextualizadas, repetitivas, massacrantes, que produzem enorme ansiedade nos atores envolvidos. Mas, afinal, como equacionar essa questão?

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (MEC, 2009) recomendam, com referência aos eixos norteadores do Currículo da Educação Infantil, que esta deve:

Garantir experiências que possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e

convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos. (MEC, 2009, p. 25)

Contrariando a posição de muitas escolas, tanto públicas quanto particulares, podemos perceber que o Ministério da Educação não recomenda a alfabetização de crianças, tal como compreendida nos moldes tradicionais.

Uma posição inovadora foi muito bem colocada por Emília Ferreiro, na década de 1980, no clássico artigo “Devemos ou não ensinar a ler e a escrever na pré-escola? Um problema mal colocado” (Ferreiro, 1987). Nele são contestadas ideias assumidas pela escola tradicional. Podemos perceber que culturalmente existe a ideia que apenas em um lugar com mesas e cadeiras, e com um adulto à frente, é que legitimamente se aprende. O adulto só valida o que a criança aprendeu quando ela está com ele (que é o responsável pelo ensino) numa sala de aula. E as crianças que aprendem fora desses lugares estabelecidos tem muitas vezes o seu conhecimento invalidado, sendo chamadas de “espertinhas”.

O grande problema identificado por Ferreiro (1990) é que presume-se são os adultos que decidem quando essa aprendizagem é inicializada. Nas escolas há uma grande dicotomia: quando acreditam que não deve ser inicializada antes do fundamental 1, vemos crianças em salas de aula onde a linguagem escrita é abolida de seus olhos curiosos. Já quando decidem inicializar esse processo, frequentemente vemos crianças por horas sentadas, fazendo exaustivos exercícios de coordenação motora e cópias sem sentido.

Acreditar que os adultos decidem sobre essa aprendizagem, como nos elucida Ferreiro (1990), é uma grande ilusão, pois desde o nascimento as crianças aprendem. Crianças nativas digitais aprendem desde pequenas a procurar vídeos em sites na internet (meu próprio irmão aos 2 anos aprendeu uma receita de suflê de alho-poró). A matemática, tão temida por várias

peessoas, começa antes da escola, com crianças contando e ordenando objetos de seu interesse, por meio de distintas atividades sociais.

Da mesma maneira acontece a aprendizagem do sistema de escrita: as mesmas crianças, na era digital, já sabem o que é linguagem escrita e percebem a importância dela, em livro infantis, em listas de compras que seus pais fazem e até mesmo com aparelhos digitais: observamos cotidianamente crianças que digitam/ falam em telefones, escolhem filmes, imagens, personagens e youtubers. As crianças urbanas aprendem a distinguir letras, números, símbolos apenas pelo convívio com os pais e outros adultos e contatos sociais em diversos ambientes, ainda que os mesmos não os informem realmente do que estão fazendo. Ao nomear um desenho, descrever algo, fazer uma carta para o papai Noel ou redigir a lista de compras, elas entendem as formas da escrita ali presentes, porque, como Ferreiro (1987, pág. 99) afirma, é “através de uma participação ampla e firme nesse tipo de situações sociais que a criança chega a entender alguns dos usos sociais da escrita”.

A autora contesta o conceito de maturidade ou prontidão para escrita/leitura na concepção tradicional de alfabetização e na prática pedagógica de muitas escolas. Afinal quando é que a criança está “pronta” para inicializar essa aprendizagem? A maturidade é geralmente aquela que o adulto estabeleceu, como muitas professoras afirmam: “ela vai estar pronta quando conseguir fazer perfeitamente a grafia das letras” Nós, adultos, estamos tão preocupados em valorizar os aspectos gráficos que quase sempre detrimento dos aspectos cognitivos, que não percebemos que a criança já desenvolveu saberes, mesmo que estes não correspondam exatamente aos dos adultos; que ela aprendeu a dar sentido a esses “rabiscos” que os adultos deixam de lado e a compreender suas funções sociais; e que os saberes já adquiridos por aquela criança dependem muito mais das ocasiões sociais de

contato significativo com a escrita do que de outros fatores, conforme evidenciado por Ferreiro (1985) em suas pesquisas na América Latina.

A escola frequentemente assume uma posição dicotômica: saber e não saber, poder e não poder, dever ou não dever. A instituição escolar acredita que necessariamente um exclui o outro. Essa questão ocorre com relação aos saberes do processo da leitura e da escrita, ignorando que estes são construídos ao longo do tempo, não existindo um momento eleito para seu “início”. A questão é nem se centrar em desenvolver pré-requisitos que conduzirão à prontidão para a alfabetização, nem alfabetizar para satisfazer as expectativas da família e da escola.

Conforme Ferreiro (1982) a lente da educação infantil deve estar em criar ambientes alfabetizadores: oportunidades ricas, variadas, frequentes, lúdicas funcionais e prazerosas de interação com a linguagem escrita. Somente assim a alfabetização da escrita vai ser muito mais que o acesso formal a um código de transcrição, uma aprendizagem massiva e muitas vezes descontextualizada. Assim, as crianças irão desenvolvendo seus próprios saberes para representar a pauta sonora. Suas hipóteses, resultantes de um intenso trabalho cognitivo das crianças, são muitas vezes subestimadas por professores e pais, ansiosos que as crianças sejam alfabetizadas. Esses saberes precisam ser reconhecidos e respeitados, visto que a escrita é um processo de representação abstrato e sofisticado, que demanda uma construção processual por parte das crianças.

O próprio termo alfabetização é um termo limitante. Para Soares (2004) o melhor termo seria “aprendizagem inicial da linguagem escrita”. Envolvendo dois processos distintos, mas interconectados: alfabetização e letramento. Alfabetização seria o processo de representação do sistema de sons. E letramento seria aprendizagem do sistema de escrita no contexto cultural e social (envolvendo usos e funções da escrita, gêneros textuais

diversos, etc). Os dois têm que atuar ao mesmo tempo: “a criança se alfabetiza no contexto de letramento e se letra ao mesmo tempo se alfabetiza.” (Soares, 2005)

Soares e Ferreiro conversam muito bem nesse quesito de Alfabetização/Letramento: o tripé educacional nos coloca o sujeito que aprende conectado ao objeto de estudo e ao contexto de aprendizagem. Para Soares (2003, p.16) o processo depende do conhecimento do professor, tendo fundamentos psicológicos, fonológicos (para representar os sons das palavras), fundamentos linguísticos, sociolinguísticos, mas depende também do campo de maior interesse da criança, das suas habilidades e afetividades.

Nesse sentido, cada vez mais a escola apresenta casos de ansiedade e depressão, tantos das crianças quanto de seus professores e familiares. Compreender esse fenômeno, em particular na educação infantil e especificamente no universo da alfabetização, é um grande desafio que se coloca a todos. Porém, são ainda escassas as pesquisas com esse foco, sendo o tema abordado em sites de educação e com alguma superficialidade.

Antes de mais, seria importante caracterizar a ansiedade do ponto de vista psicológico, compreendendo seu potencial tanto positivo quanto danoso. Recorremos a Bazi (2000), para caracterizar esse conceito:

Kaplan e Sadock (1993) esclarecem que a ansiedade é uma sensação difusa, altamente desagradável, freqüentemente vaga de apreensão, acompanhada por uma ou mais sensações corporais, por exemplo, uma sensação de vazio na boca do estômago, aperto do tórax, batimentos cardíacos acelerados, sudorese e cefaléia; inquietação e um desejo de movimentar-se. Mesmo em pessoas sem danos estruturais, a ansiedade causada por sentimentos de incompetência, inadequação e impotência é um aspecto proeminente de perturbação. No entanto, tais autores dizem que a ansiedade também apresenta qualidades de preservação da vida, pois, em um nível mais baixo, prepara o organismo para assumir as ações necessárias para evitar a ameaça ou, pelo menos, atenuar suas conseqüências, alertando a pessoa para que realize certos atos que eliminarão o perigo.” (BAZI, 2000,p.56)

Destacamos, nesta reflexão, os sentimentos de incompetência, inadequação e impotência que acompanham a ansiedade, assim como o aspecto positivo da mesma, ao contribuir para que o organismo se prepare para desenvolver ações necessárias para evitar perigos e ameaças. Nesse sentido, a ansiedade pode mobilizar energias necessárias à resolução de problemas. Mas, em que medida a ansiedade de pais e professores no que toca a alfabetização de crianças na educação infantil pode estimular a aprendizagem ou se tornar danosa às crianças, despertando sensações de incompetência?

Encontramos um interessante relato de experiência (LIMA,2001) de uma psicóloga escolar de Rondônia, a respeito da questão da prontidão para a alfabetização, diante do enfrentamento dos anseios dos pais e da posição de escolas com relação ao ingresso precoce das crianças nesse processo. Ela salienta como as crianças se tornaram depositárias dos anseios e desejos de seus pais, familiares e outros adultos. Conforme Vayer (1990, p. 122, apud LIMA, 2001), "No mundo das expectativas e competições, os adultos pensam haver sempre um meio de pressionar uma criança a produzir, assim como são pressionados em seu trabalho e vida social(...)". É interessante e significativa essa perspectiva que denuncia as pressões de pais e outros educadores (aí incluímos os professores) sobre as crianças, reproduzindo desse modo as expectativas e pressões que incidem sobre eles mesmos no mundo do trabalho. Por outro lado, os pais projetam seus desejos de sucesso e os professores acabam compactuando com estes, desrespeitando a realidade das crianças.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

2.1 Instrumentos

Para realizar o trabalho desenvolvemos uma pesquisa qualitativa por meio de entrevistas semi estruturadas (vide Roteiro no Anexo) com pais de crianças que estão ou já passaram pela educação infantil e também com uma professora atuante na educação infantil.

Os entrevistados foram orientados a relatar livremente as suas experiências relativas aos processos de alfabetização/letramento das crianças na educação infantil. Foi entendido pela autora que os relatos dos entrevistados seriam muito mais ricos para o trabalho do que um roteiro fechado.

As pessoas entrevistadas relataram suas experiências, sentimentos e preocupações a respeito da alfabetização e letramento na educação infantil, no contexto de escolas particulares de Brasília DF (vide transcrição das entrevistas em Anexo).

2.2. Caracterização dos sujeitos

Participaram da pesquisa duas famílias (entrevista 1, com uma mãe, e entrevista 2, com o casal) e uma professora (entrevista 3), num total de 4 sujeitos. Os nomes dos entrevistados são fictícios, assim como os das crianças, a fim de preservar sua identidade.

A entrevista 1 foi feita a uma mãe, psicóloga, de 44 anos, que chamaremos de Bianca. Ela se enquadra na classe média (segundo a mesma, por morar na Asa Norte, ser concursada, ter carro próprio) e atualmente está

fazendo mestrado. Ela é mãe do Pedro, um garoto de 6 anos. Ela caracteriza o filho como uma criança não muito agitada, fofo, comunicativo, “uma criança dentro da normalidade”. O Pedro “entrou na educação bem cedo”, frequentou o berçário do trabalho da mãe com 7 meses. Com 4 anos foi para uma escola em tempo integral e segundo a mãe “a escola passou a ser um lugar um pouco aversivo” devido à grande carga horária. Há um ano sua forma familiar mudou, em consequência de uma separação familiar, o que levou Pedro a uma nova escola “o Livro Verde”. Ele se adaptou super bem com os colegas (todos também transferidos de outras escolas).

Na entrevista 2 temos o casal Bruna e o Bruce. A Bruna tem 41 anos, é dentista com especialização em saúde da família; e o Bruce tem 42 anos, é engenheiro da computação. Ambos se definem como classe média (moram em um local fora do Plano Piloto, têm carro próprio). Eles são os pais da Aurora e do Tiago.

Tiago tem 12 anos, segundo a mãe é uma criança extremamente responsável, mas leva a vida com humor e leveza. Foi o primeiro filho, primeiro neto, primeiro sobrinho. Começou a falar realmente apenas com 3 anos. “Todos os adultos faziam as vontades dele, então ele não precisava se comunicar”. Começou a sua vida escolar com 3 anos em uma escola particular pequena, depois do jardim 2 foi transferido para uma escola maior em que havia o integral. Teve problema de audição e problema visual.

Já Aurora tem 7 anos, segundo a mãe é uma criança cativante, engraçada e que gosta de receber responsabilidades. Ela começou a estudar em uma creche pública, com 4 anos foi transferida para uma escola particular (a mesma do irmão), devido a uma liminar, por conta da legislação relativa à questão etária. Ela foi cursar o Jardim1 (os pais esperavam que ela cursasse o maternal 2). Segundo a mãe “ela precisa de uns três, dois, três meses até pegar o ritmo”.

A última entrevista foi feita com uma professora, Leticia, formada há 7 anos, trabalhando com educação há 12 anos e com 5 com anos de regência na educação infantil em uma escola particular de Brasília.

Os entrevistados lembraram de acontecimentos específicos da alfabetização e letramento das crianças e revelaram sensações, tanto positivas quanto negativas, que experimentaram no decurso desses processos.

CAPÍTULO III - CONVERSANDO SOBRE ALFABETIZAÇÃO/LETRAMENTO COM PAIS E PROFESSORA

3.1 Reconhecendo as concepções de alfabetização/letramento de pais e professora

Na perspectiva tradicional, a alfabetização deveria ser iniciada em um momento do tempo, considerando-se a “prontidão” da criança, geralmente marcado pela idade cronológica (FERREIRO, 1987).

Na pesquisa realizada, podemos perceber que as famílias, em sua maioria, manifestaram concepções e conceitos muito parecidos, relacionadas ao ritmo e possibilidades individuais das crianças: “Eu sou muito a favor da criança ter o aprendizado dentro do normal dela. Do seu tempo...” (Bianca, entrevista 1). “Depois eu percebi que era o tempo dela...” (Bruna, entrevista 2).

Apesar dessas afirmações, a ideia de prontidão ainda está muito presente: “por que ela ainda não está pronta”, “A alfabetização era igual ao tempo da lagarta virar borboleta...”, “Não é para ele ler, ainda está muito cedo” (Bruna, entrevista 2); “e ela ainda não está pronta para aquilo” (Letícia, entrevista 3). Tudo isso nos faz pensar no conceito de maturidade e prontidão tão criticado pela perspectiva construtivista:

A tão famosa maturidade’ para leitura-e-escrita depende muito mais das ocasiões sociais de estar em contato com a linguagem escrita do que qualquer outro fator que se invoque. Não tem sentido deixar a criança à margem ‘esperando que amadureça. (FERREIRO, 1987, pág. 101):

O tempo da criança é quando ela, inserida em ambientes letrados, se apropria de todas as oportunidades ricas, variadas, frequentes, lúdicas, funcionais e prazerosas de interação com a escrita (RODRIGUES, 1989). O

“ele começou a ler do nada” (Bianca, entrevista 1) não aconteceu por acaso, resultou de uma série de interações e intervenções lúdicas de leitura, escritas, aprendizados, artes e acompanhamento familiar.

A ideia do professor como “orientador” (Letícia, entrevista 3) da educação, alguém capaz, empático, afetivo e acolhedor, como uma dimensão fundamental para a construção do conhecimento, nos remete ao construtivismo de Jean Piaget (1954) na defesa de que a afetividade e o cognição são inseparáveis.

3.2 Práticas de alfabetização na escola e em casa

A práticas escolares de alfabetização nos remetem, com frequência, para a questão da homogeneização do ensino, desconsiderando as diferenças interindividuais. O que é claramente expresso pelas mães entrevistadas: “E eu acho também que as crianças são diferentes, nunca você deve achar que tudo vai ser linear, que todo mundo vai ser super fofo, que todo mundo seja superinteligente, bom em matemática, sociáveis, todo mundo vai ser bom né? Não tem, cada criança tem as suas particularidades e tal. E dentro do possível eu tento respeitar essas particularidades do Pedro.” (...) “eu acho que é na escola, não sei, essa questão de individualização da crianças não é o mais comum, de serem tratados diferentes pela própria quantidade de criança” (Bianca, entrevista 1). “O famoso ‘não existem dois indivíduos iguais’ e a gente tenta criar os filhos da mesma maneira igual e a escola facilita essa homogeneização das crianças né?” (Bruna, entrevista 2).

Historicamente falando, a escola sempre teve dificuldade em entender e aceitar todas as manifestações individualizadas de seus alunos, devidas à cultura, etnia, crença religiosa ou gênero. Essa dificuldade acontece muitas vezes pelo não conhecimento do professor e também as vezes por

preconceito em algumas áreas. O professor deve levar sempre em consideração as vivências de seus alunos. Como Ferreira (2002) nos explica, a escola, historicamente, tem o trabalho de homogeneizar, igualar, e nunca sobre como lidar com a diversidade. Tudo isso contribui para alunos frustrados e para gerar fracasso escolar.

“Começou a ver um pouquinho dessas coisas de letra quando ele estava no Maternal começou nos 2; ... Não era aquela coisa bem... Bem brincadeira e tal, no infantil 1 também foi mais ou menos brincadeira e foi agora infantil 2 que ele começou a pegar mesmo com essa questão de pegar com mais força. ” (Bianca, entrevista 1).

A inicialização do processo de alfabetização/letramento em escolas particulares geralmente começa bem cedo, as crianças do maternal 2 já começam a se familiarizar com as letras de seu nome (em algumas escolas elas já saem sabendo escrevê-lo). O problema não é apresentar as letras nessa idade, muito pelo contrário, crianças que participam do mundo letrado de forma lúdica internalizam muito melhor o mundo de leitura e escrita. Mas com frequência as escolas promovem o mundo da escrita como um mundo hostil, cercado de inúmeras repetições que não fazem sentido para a criança. “Apesar de ter sido já um letramento foi muito lúdico” (Bianca, entrevista 1), ainda há uma ideia que a alfabetização/letramento é uma coisa chata e massiva. Porém, atividade de casa, as histórias, as artes, projetos, leituras e intervenções diferenciadas para cada aluno transformam o processo de alfabetização em algo muito mais gostoso de se vivenciar.

Por vezes a educação infantil assume a tarefa de ensinar as letras como forma de alfabetizar. O caso que nos é relatado por uma mãe ilustra bem o que isso pode representar: “Ele sabia as letras, ele saiu do Jardim 2 sabendo letra cursiva. E aí a gente falou: Nossa! E a letra dele é sempre foi muito bonita, ele sempre foi muito elogiado pelas professoras, ele fazia as

letras, fazia letra cursiva lindamente no Jardim 2. Até que ele chegou na outra escola, ele era o único que sabia letra cursiva, mas ele não sabia que ele tava desenhando. E foi aí que a gente percebeu que para ele as letras eram um desenho, não eram letras. Ele não via o significado naquilo, ele só copiava. Era como se ele tivesse copiando um desenho do Snoopy entendeu? Ele viva e ele fazia igual, e lindo. A letra linda, mas ele não sabia o que era” (Bruna, Entrevista 2).

Ferreiro (1985) nos explica o motivo de Tiago conseguir escrever lindamente letra cursiva, mas não saber o que estava escrevendo: a escola investia na expressão gráfica, mas deixou totalmente de lado os aspectos construtivos da escrita. Focou na qualidade do traço, na distribuição espacial das formas, esquecendo o que realmente a criança queria representar, como ela concebia as relações entre a pauta sonora e a pauta escrita, as hipóteses por ela desenvolvidas.

“ Olha, as crianças, elas não têm que sair do infantil 2 lendo. Não se preocupem com isso. ” (Bianca, entrevista 1) “Eu lembro bastante que sempre se frisava, ‘olha último ano, não é para ele aprender a ler, e só para ele se acostumar. Não é para ele ler ainda está muito cedo’ e o que a gente via era totalmente diferente. E que realmente estavam tentando fazer com que ele lesse alguma coisa.” (Bruce, entrevista 2). O discurso de “ não é para sair lendo da educação infantil” é muito presente nos relatos, e não ser obrigatória pode diminuir a pressão das crianças com relação à leitura a escrita, se focando em brincadeiras e atividades cognitivas. Por outro lado, as escolas, mesmo vendo como não obrigatoriedade, continuam acelerando esse processo. Tudo isso nos faz refletir, junto com Ferreiro (1987): não se trata de mantê-las isoladas do mundo da leitura e da escrita, mas sim de imaginar uma pedagogia rica em possibilidades que levam as crianças a ter todos os recursos possíveis para esse processo. Ler ou não ler nessa idade não é o fundamental, e sim todo o processo de disponibilizar oportunidades

ricas e variadas para todos, com materiais escritos diversos, brincando de ler e escrever, desenvolvendo suas hipóteses de leitura e escrita.

3.3 Percepções, expectativas, ansiedade, medos e angústias com relação à alfabetização/letramento das crianças

O processo de alfabetização/letramento pode gerar ansiedade nos pais, professoras, e à vezes até mesmo nas crianças. A ansiedade começa desde o processo de escolha da escola:

“Você vai olhar a escola, é aquela coisa, você vai ver... ah, o prédio parece um caixote ou então o parquinho não sei o quê. Ah, mas aí eles são é uma escola mais conteudista. Essa escola é mais... tem um método montessoriano. Esse negócio assim, tipo assim... Eu acho que uma das grandes ansiedades que a gente tem é saber se a escola que está colocando é a escola certa (...) poxa, será que está certo? Será que é o lugar certo? Será que a escola não é conteudista demais? Vai ficar só pensando em vestibular, ele tá muito novo ainda né? Só nas letras? E as coisas artísticas e não sei o que... e então assim isso é uma coisa que dá muita ansiedade, sabe?” (Bianca, entrevista 1).

O medo, a angústia, agonia, desconfiança e a ansiedade de escolhas sobre a escola vêm muito da insegurança parental. Balaban (1988) fala que um dos muitos sentimentos vividos pela mãe no período de adaptação de seu filho pode ser a preocupação. Por um lado, as mães desejam que as crianças vão para a escola, mas ao mesmo não querem, com medo de algo de ruim aconteçam com eles. A comparação entre o desempenho das crianças pode também ser resultado desses medos: “O meu filho não está tão fora da curva” (Bianca, entrevista 1), “a gente sentiu que ele tava no nível do resto da turma.” (Bruna entrevista, 2). É a insegurança dos pais capturada pelas professoras:

“aí a gente percebe que a criança vem de um contexto onde os pais são inseguros, os pais não confiam na criança, não dão autonomia para a criança e tudo isso vem dificultar o andamento desse processo.” (Letícia, entrevista 3). Essas percepções são também reconhecidas pelos estudiosos da educação:

O mundo está se transformando num lugar cada dia mais perigoso. A tendência natural dos pais é procurar superproteger os filhos, mas esse é um erro grave. É possível, no entanto, proporcionar a segurança desejada sem sufocar o desenvolvimento da autonomia das crianças.”.(ARAÚJO, 2005, p. 84)

O grupo de WhatsApp é um dos maiores provedores de ansiedade e comparação dos pais: “Eu saio sempre dos grupos do WhatsApp, que eu não dou conta, é outra fonte de ansiedade, em que você vê as mães falando: ‘ ah! A fulaninha leu todo o livro sozinha’ ela adora ler, e aí tira foto da fulaninha lendo com livro na mão e posta no grupo. E aí você fala: minha filha não consegue ler o nome da primeira página, porque ela cansa. Porque ela acha chato. Porque ela não dá conta. Porque ela não ta pronta. ” (Bruna, entrevista 2)

“Exatamente quando hoje em dia tem muitos grupos de WhatsApp e os pais tem muita necessidade de compartilhar o que os filhos fazem, muitos pela questão de estética né, uma questão de “simplesmente meu filho é o melhor” e outras são porque são mães e pais e isso é normal é um processo lindo mesmo ver o filho avançar e isso dentro dos grupos isso causa muita comparação”. (Letícia, entrevista 3)

Com as comparações nos grupos de WhatsApp, os pais começam a cobrar às professoras resultados: “muitos momentos a gente se pega ansioso pela cobrança excessiva dos pais” (Letícia, entrevista 3), o que gera mais uma vez uma produção desacerbada de atividades que não fazem sentido para as crianças, colocando a leitura e escrita como um objetivo a ser alcançado a qualquer custo.

3.4 Dificuldades identificadas e soluções construídas: a necessidade da cooperação escola-família

A professora Letícia coloca em sua narrativa sobre as dificuldades que tem quando os pais se ausentam do processo de alfabetização/letramento: “aí a gente se sente muitas vezes incapaz, porque só a escola não consegue fazer (...)”, “você chama o pai para conversar, você faz uma reunião com aquele pai, então você espera que a família dê o retorno devido para aquela sua colocação. Você colocou que a criança tem aquela dificuldade, que a criança necessita trabalhar, necessita ter outro tipo de trabalho com aquela criança, fazer toda uma intervenção diferenciada, uma intervenção pedagógica diferenciada para que aquela criança avance e você explica pro pai tudo e você vê no dia a dia que aquilo não acontece e você vai vendo o tempo passar e tudo que está ao seu alcance você vai fazendo, mas você percebe que aquela criança não tem avanço, mas porque a escola sozinha não consegue”, “poxa, eu tento, eu to fazendo a minha parte, mas e a família?” (Letícia, entrevista 3).

Podemos perceber a frustração da professora a respeito da interação e parceria escola -família, que seria indispensável:

“O envolvimento dos pais na educação das crianças tem uma justificativa pedagógica e moral, bem como legal [...] Quando os pais iniciam uma parceria com a escola, o trabalho com as crianças pode ir além da sala de aula, e as aprendizagens na escola e em casa possam se complementares mutuamente” (SPODEK; SARACHO, 1998, p. 167).

A própria mãe, Bruna, reconhece o trabalho junto à escola como fundamental, ao afirmar: “trabalho junto com a escola, com o pedagógico da escola. O pedagógico super acolheu a gente, indicou fonoaudiólogo para a gente, indicou jogos, indicou o que a gente poderia fazer e aí a gente teve que fazer um trabalho junto com a escola” (...) “eu tava muito na escola.”

Além do trabalho junto à família, os profissionais da educação precisam estar sempre atentos a qualquer irregularidade na parte da audição e da visão. “A gente descobriu que ele precisava de óculos, e que a miopia dele aumenta em um nível muito rápido, então foi vários disparadores, vários gatilhos” (Bruna, entrevista 1). Sem dúvida, problemas de visão não identificados têm sido responsáveis frequentemente por dificuldades de crianças na leitura. Será tão difícil identificá-las precocemente?

Além da relação família-escola também foi colocado que: “a mesma metodologia, as professoras se conhecem, as professoras se conversam ... já tinham todo o histórico dela” mostrando que o diálogo entre as professoras pode trazer elementos positivos para a alfabetização/letramento, além da importância do relatório completo daquela criança, mostrando intervenções já realizadas com aquela criança. Hoje as escolas estão se adaptando ao PEI (plano educacional individualizado), com atividades diferenciadas e relatórios específicos para dificuldades específicas), mostrando como foram trabalhadas. Embora seja prioritariamente para crianças com deficiência, algumas escolas já estão adaptando para as outras crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as narrativas, constatou-se como é desafiador o processo de alfabetização/letramento e as inúmeras ansiedades a respeito. Reforçou-se como é importante e complexo para todos os envolvidos diante desse desafio na educação infantil. Evidenciou-se que, acima de tudo, que um diálogo junto à família é fundamental, esclarecendo dúvidas, anseios e medos.

A alfabetização/letramento deve ser um conjunto de práticas guiadas pelos interesses das crianças. A criança pesquisadora, e o professor como mediador e orientador. Crianças pequenas são curiosas e podem ser ótimas pesquisadoras:

Se as relações sociais e a cultura das crianças em si merecem estudo, então quem é mais qualificado para pesquisar alguns aspectos de suas vidas do que as próprias crianças? [...] se crianças podem ser participantes ativos [...] também podem ser pesquisadores ativos?” (ALDERSON, 2005, p.6).

A partir dessas interações sociais, e da cooperação família-escola, as crianças poderão ser envolvidas em atividades cheia de oportunidades ricas, variadas, frequentes, lúdicas, funcionais e prazerosas de interação com a linguagem escrita (FERREIRO, 1982; RODRIGUES, 1989). E a pergunta constante do título deste trabalho não fará mais sentido, visto não se tratar de algo dicotômico (estar, ou não, lendo e escrevendo), mas de um processo progressivo de construção da leitura e da escrita, com direito ao erro construtivo, à elaboração de hipóteses, à experimentação e à pesquisa das crianças no universo social da leitura e da escrita.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Concluir a graduação de pedagogia é como realizar um sonho, sou a primeira pessoa na minha família a concluir um curso em uma universidade pública. Concluir a graduação me faz querer aprender mais sobre a profissão que eu escolhi exercer, lançando-me a buscar novos desafios e conquistas.

Sabemos que na atual conjuntura ser professor é um trabalho árduo, pelas tentativas de desqualificação, e pela desmotivação que sentimos o tempo todo. Além da exposição e da perseguição pela qual os nossos profissionais hoje estão passando. Entretanto, acredito que a educação é primordial a ser trabalhada aqui no nosso país, tanto pela questão científica quanto pela questão de cuidado e formação de nossos alunos. Por mais que seja difícil ser professora, e algo em que me vejo feliz (tendo em vista que já tenho contato com a profissão). Mudar o mundo de uma criança, acredito que seja a coisa mais bela do mundo, conhecer aqueles olhinhos curiosos e vê-los sorrindo quando tem êxito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 26, n. 91, p. 419 - 442, Maio/Ago. 2005.

Arantes, A. Valéria. **Afetividade e Cognição: Rompendo a Dicotomia na educação**. Mini web educação.2002

ARAÚJO, Ceres Alves de. **Pais que educam – uma aventura inesquecível**. São Paulo: Gente, 2005.

Balaban, N. (1988). **O início da vida escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas

BAZI, Giselle A. do Patrocínio. **As dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita e suas relações com a ansiedade**. UNICAMP, Campinas, Dissertação de Mestrado, 2000.

Ferreira, G. V. **O impacto da adaptação de crianças na creche sobre os sentimentos maternos** (Monografia de especialização). Programa de Especialização em Psicologia Clínica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FERREIRO, Emilia. **Deve-se ou não se deve ensinar a ler e escrever na pré-escola? Um problema mal colocado**. Reflexões sobre a alfabetização. Tradução: Horácio González. 9 ed., São Paulo: Cortez, 1987, p. 96-102.

FERREIRO, Emilia. **A representação da linguagem e o processo de Alfabetização**. Tradução: Horácio González. Caderno de pesquisa [52]: 1985, p.7-17.

FERREIRO, Emilia. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, Vanessa. **A precocidade do processo de alfabetização: considerações acerca da prontidão da criança**. Psicologia: ciência e profissão. vol.21 no.2 Brasília, junho 2001.

NAVARRO, Mariana Stoeterau. **O brincar na educação infantil**. UNICAMP, 2009.

OLIVEIRA, Larissa B. L; LEÃO, Deusmaura Vieira . **A alfabetização e as contribuições de Emília Ferreiro**. 2018

PIAGET, Jean. (1954) Intelligence and affectivity: their relationship during child development . **Annual Reviews, Palo Alto-CA**, (ed.USA, 1981)

PRADO, Patrícia Dias. As crianças pequenininhas produzem cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche. **Pro -Posições**, Vol. 10, N° 1, 28 de março de 1999

RODRIGUES, Maria Alexandra M. **Competência de leitura e escrita de uma amostra de crianças de 4, 5 e 6 anos de jardim de infância**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, UnB, 1989.

SILVA, M. LÍlian. **As crianças como pesquisadoras: um relato de experiência sobre uma prática inovadora na educação infantil**. Anais do congresso internacional de educação e Geotecnologias, 2019

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, leitura e escrita - CEALE, 2003.

SPODEK, Bernard; SARACHO, Olívia N. **Ensinando crianças de 3 a 8 anos**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

Canal Futura - Métodos de Alfabetização, entrevista com Magda Soares- disponível em : www.youtube.com/watch?v=mAOXxBRaMSY – (acessado em 23/10/2019 as 9h 33 mim)2

Revista escola- disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/alfabetizacao.com> - (acessado em 26/10/2019 as 20h: 04 mim)

Revista escola – Diagnóstico da Alfabetização inicial- disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/linguaportuguesa/alfabetizacao-inicial/diagnosticoalfabetizacao-inicial-429226.shtml.com> - (acessado em 02/11/2019 as 10h 12 mim)

MEC. Versão para Consulta Pública Currículo em Movimento da Educação Básica – 2ª Edição Educação Infantil- 2018

<http://educacaointegral.mec.gov.br/educacao-infantil>

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão de Pessoas com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm.com - (acesso em 18/03/2020 as 15h 43 mim).

APÊNDICES

ENTREVISTA 1

Então Bianca Tenho 44 anos. Tive o Pedro o com 37 anos, então ele está com 6 anos né, fazendo as contas dá mais ou menos isso. O Pedro é uma criança tranquila, assim, ele não é muito... acho que é uma criança dentro da normalidade, da curva normal. Não é nem muito agitado e nem muito parado, ele é uma pessoa uma criança bem... bem fofa, é muito comunicativo, muito mesmo que fala Horrores, fala para caramba. Deixa eu ver... Que mais...ele é lindo maravilhoso, fofo, inteligente. Ele tem muita facilidade social, fazer amizade, sociedade, esse lado dele é muito intenso. Acho até por essa questão comunicativa dele né, ele é muito... muito amoroso. Sabe? Gosta muito de falar com as pessoas, de brincar, de beijar, de abraçar e tal.

O Pedro entrou na escola, no berçário na verdade. Já no meu trabalho, então ele... acho que já fez assim “pequena adaptação” para essa questão da vida escolar já pequenininho. Porque eu voltei a trabalhar com 7 meses, no meu trabalho tinha berçário. Então ele ficou no berçário até 1 ano e 2 meses. O que foi legal, porque lá ele tinha acompanhamento de pedagogo, de nutricionista e eu descia para amamentar, que eu acho que esse era o fundamento de ter o berçário no trabalho né. E aí já ali iniciou para ele também uma convivência, um pouco mais com outras crianças, nessa questão de... não de aula especificamente, mas você está ali no meio, tinha atividade, tinha essas coisas e tal.

E aí logo depois que ele saiu lá com um ano e dois meses ele já foi para escola também, acabou entrando já na educação bem cedo. Não tive muito problema dele de adaptação a escola não, mesmo pequenininho assim. Então... é isso começou foi bem tranquilo. Quando ele fica um pouquinho maior com 3, 4 anos, mais ou menos, uns 4 anos aí ele deu um pouquinho de

problema para ele adaptar, ficar na escola, ele chorava, mas também nada além do normal, bem tranquilo. Quando ele começou... quando ele tava com uns quatro anos ele começou a estudar o dia inteiro, integral. E aí ele não se adaptou. É realmente foi algo bem forte, ele não gostava, não queria ir para a aula. Era assim, aula de manhã de inglês e a aula a tarde normal e aí ele... não adiantou ele começou a falar que odeio inglês, odeio inglês. Não quero, não sei o quê e aí eu resolvi tirar. Eu falei assim: vai acabar não sendo bom para ele essa experiência, porque a escola passou a ser um lugar um pouco aversivo para ele, esse negócio de deixar ele muito cedo porque o dia inteiro na escola, almoçar na escola, fazer tudo na escola, não foi uma coisa muito bacana não. Acabei de tirando e ele voltou só para horário normal né, e aí ficou tudo bem.

Ele nunca teve assim, durante todo esse processo de educação, que agora ele tá no infantil 2, ele nunca teve esse nenhum tipo de problema em termos de aprendizagem e tal, ele nunca teve nenhuma questão com amiguinhos né. A vida escolar dele muito tranquila tá então né até hoje. No ano passado ele mudou de escola, foi estudar aqui no livro verde e eu até achei que ele fosse sentir muito porque até então ele tava numa escola só, e aí de repente eu separei, mudou muita coisa na vida dele, a gente mudou de casa, a gente mudou de vida. Familiar mudou, a forma familiar mudou também então eu achei que assim, a escola seria uma questão que ele ia acabar sentindo. Ele tava muito acostumado com a outra escola que ele tava, com os amiguinhos, os pais dos amigos, era todo mundo muito junto sabe? Aquela coisa que forma já pequenininha.

E aí no ano passado quando ele começou, fiquei mais de olho, assim né para ver se ia ter alguma coisa. Mas ele se adaptou super bem, acho que muitas coisas foram fundamentais: uma que meus sobrinhos estudam na mesma escola né? Então isso ajuda muito. Mesmo não sendo da mesma sala. E a turma que ele ficou era uma turma que só tinha alunos de Fora. Não tinha

nenhum aluno que já era do da escola, do livro verde que tenha entrado lá, então eram todos os alunos novos sabe?

Então acho que isso acabou fazendo com que ele se sentisse, em todos os meios acolhidos. Bem... Bem legal e muito “massa”.

Esse processo de mudar de escola, um processo que deixa a gente bem ansiosa. Assim... Não só por você tá falando assim: ah vai ver uma coisa nova... vai ser aquele negócio de adaptar... a gente fica no processo de ansiedade, mas verdade escolher a escola que ele vai... O negócio que você fica bem agoniado assim. Então é quase uma Saga. Você vai olhar a escola, é aquela coisa... Você vai ver ah o prédio parece um caixote ou então o parquinho não sei o quê... Ah mas aí eles são é uma escola mais conteudista. Essa escola é mais... Tem um método montessoriano. Esse negócio assim, tipo assim... Eu acho que uma das grandes ansiedades que a gente tem é saber se a escola que está colocando é a escola certa. O que é muito complicada. Por que se você for olhar todas as variáveis e se você for parar para pensar: não tem escola que seja 100% excelente. Não existe. Mas sempre rola de você pensar: poxa será que tá certo? Será que é o lugar certo? será que a escola não é conteudista demais? vai ficar só pensando em vestibular, ele tá muito novo ainda né? Só nas letras? E as coisas artísticas e não sei o que... e então assim isso é uma coisa que dá Muita ansiedade sabe? Sim fica pensando... Outra coisa que eu acho também... Eu vejo isso até. É uma coisa muito minha, mas eu vejo isso em outras mães também, as escolas hoje principalmente as particulares eu acho, acho que existe uma certa agonia de você colocar o filho vivendo numa bolha. as escolas, principalmente aqui do bairro são muito elitistas né? Não tem como não falar que não é; assim acaba que você tem mesmo, os pais podem pagar uma escola melhor. Acabam colocando os filhos e vira aquele grupo né? Então eu vejo, um pouco de preocupação. Assim Eu tenho um pouco de preocupação disso, de não criar do Pedro numa bolha mesmo. Aquela coisa de falar: o mundo é isso daí né?

É essa escola que todo mundo tá ótimo, aparentemente bem que tudo é muito fácil, que viaja o tempo todo, essa coisa que é um pouco mais facilitado assim, e eu vejo os outros pais também um pouco nessa agonia sabe? De achar que isso, Qual é... O que é isso pode gerar na criança depois né? No futuro em longo prazo. E aí você tem que começar a pensar não, mas outras formas, eu acho de que entra um pouco nessa parte de educação um pouco fora dessa coisa que é só da escola né? De você também de você tipo de coisa que quebra um pouco né? Essa coisa da bolha, que quebre isso. É maçante, e você fala que existe outras realidades e não é só isso. Vida não é esse mundinho fechado. Não é só escola, como o mundo é muito doido a gente super Protege eu acho, com tudo acho que é bem exagerado. Eu acho que hoje os pais uma reatividade aí vive hoje, por que eu me lembro da minha infância, quando eu vivi aqui em Brasília, morei aqui no bairro, eu tinha muito mais Liberdade, do que eu dou pro Pedro, em termos de falar vai descer ali, vai brincar, vai não sei o quê. Hoje Tudo que você falar: ai meu Deus pode acontecer alguma coisa, pode... Acho que os pais hoje são muito reativos essa realidade. A gente aí fala que segurança, de excesso de informação, fala de tudo isso. A gente acaba sendo muito reativo e protegendo demais. Fica meio sem medida assim. Acho que essa é uma das maiores ansiedade de pais.

Em relação especificamente a escola, essa coisa do aprendizado e tal eu não sou muito estressada com isso. Eu sou muito a favor da criança ter o aprendizado dentro do normal dela. Do seu tempo, eu não quero que o Pedro seja à frente dos amiguinhos, ou que a série dele deveria estar. Não fico inventando curso para ele fazer, eu acho que ele tem que brincar, tem que ir para a rua, ficar andando de bicicleta. Eu não muito preocupada de ficar pensando se ele está lendo ou não está lendo, a não ser que ele tivesse alguma deficiência mesmo. Não quero que ele seja maior do que o outro entendeu? Não tenho muito essa preocupação não. Não quero que ele saiba, eu vejo

algumas crianças da turma, por exemplo, que os pais ensinam em casa né? Por exemplo, eles estão aprendendo soma agora, aí já estão ensinando divisão, multiplicação. Os pais eles querem adiantar um pouco as coisas, isso acontece, de verdade. Eu não vejo o porquê fazer isso, ele vai ter o tempo dele, menina ele vai ter que estudar tanto, então para que ficar antecipando as coisas? Eu acho tão desnecessário. Eu gosto desse processo.

Sim é inevitável essas comparações na escola, por acaso a gente estava numa festa ontem, e aí eu estava até observando os pais, porque a gente teve reunião na semana passada, onde eles entregaram, os professores entregaram para gente um relatório da criança né? e aí o relatório de vai desde a parte de conteúdo até a parte comportamental. Então ele é bem extenso, o relatório fala como a criança se portou durante o ano todo. E os pais começaram a conversar sobre isso. Eles começaram a perguntar: no seu relatório tinha isso? E eu fiquei quieta assim, eu fiquei escutando, as pessoas falarem. Nem acho que seja errado não. Algumas pessoas ficam ansiosas principalmente quando o filho não vai muito bem né? E aí eu acho que só precisa encontrar alguém que tenha né? A professora falou isso para você, respira você tem que encontrar alguém que fale, que tenha tido alguma reação parecida. É uma forma de você conseguir até diminuir um pouco, processar e entender essa ansiedade sabe? Meu filho não está tão fora da curva. Eu fiquei até observando o pessoal falar assim né? Sobre essas questões e tal... E acho que é normal... Eu não vejo como uma forma de comparação ruim, pelo menos naquela hora. Mas não tem jeito, as reuniões lá na escola não são uma reunião em conjunto, elas são pontuais. Cada pai vai sozinho com a professora. Eu acho que isso evita um pouco o burburinho. Mas é inevitável, com certeza você olha, quando vai deixar o filho na escola, aí está à sala, todo mundo da turminha lá. Todo mundo, as vezes a gente fica olhando lá um pouquinho, você vê como é o comportamento de todo mundo. Eu acho... Que não dá para falar que não compara você acaba sabendo mais ou menos como seu filho

está com os outros. Por exemplo, lá na escola, tem um projeto que os pais vão contar história na sala de aula né? E aí esse é outro momento, que você sente que você vai contar história para as crianças e você acaba olhando para todo mundo também. Você acaba né? E você acaba falando: nossa!

O Pedro acaba falando muita coisa Às vezes né ele fala assim: “mamãe, o fulano faz assim”. “Fulano é mais assim” e aí quando você vai à sala, você começa a olhar mesmo. Para ver se é verdade. Mas... Eu para mim vejo essa coisa da comparação não é alguma coisa que me gere ansiedade. Se a professora falasse assim, por exemplo, ah o Pedro está muito agressivo, eu acho que é uma coisa legal que seja trazida. Não é legal você receber um feedback negativo lógico. Nunca é uma coisa boa, mas não acho que é uma comparação seja uma coisa que me gere ansiedade não sabe? Acho que é só normal comparar.

E eu acho também, que as crianças são diferentes, nunca você deve achar que tudo vai ser linear, que todo mundo vai ser super fofo, que todo mundo seja super inteligente, bom em matemática, sociáveis, todo mundo vai ser bom né? Não tem cada criança tem as suas particularidades e tal. E dentro do possível eu tento respeitar essas particularidades do Pedro. Não gosto muito desse conceito que tudo tem que ficar encaixadinho, quadro sabe? O que é muito difícil, difícil falar de educação nossa. E... É muito complicado, essa é uma questão que eu acho que gere ansiedade na educação de forma geral, é isso. A gente tem uma ideia, de forma geral pré-concebida que a criança tem que ser assim assado, assado e assado. E aí, eu pelo menos acredito que cada criança tem a sua individualidade e aí você conseguir conjugar essas duas ideias, por que também não posso criar o meu filho fora totalmente, olha você vai ser quem você quiser você vai fazer o que você quiser.

Algumas coisas você vai ter que chegar e falar você não. Você não pode fazer isso, isso e isso. Esse limite sabe?

É um negócio que é muito difícil na educação, você chegar nesse meio termo que gera um pouco de ansiedade, porque você fala assim: gente eu tô falando com meu filho tem que ele tem que ser “A”, que ele tem que ser... Uma coisa bem comum na escola... Ele tem que ser obediente ao professor, por exemplo, mas eu não quero que meu filho seja passível de tudo, não quero que a autoridade seja sempre a pessoa que... Na hora que a autoridade falar, ele tem que baixar a cabeça entendeu? Você tem que ter autonomia. E aí você fica um pouco nessa coisa: como você educar para esses meios termos entendeu? Isso é uma coisa que eu acho que acaba gerando muita ansiedade. Gerando muita agonia. Por que você fala assim, a criança ainda não tem um pensamento muito concreto de chegar entender exatamente está falando. Ele vai virar para eu falar assim: mamãe você não fala que eu tenho que ser obediente e agora ...” ainda não consegue... é uma construção para criança né? você chegar a criança construir que você situações que ele vai ser A e situações ele vai ter que ser b, ele fica um pouco confuso né? E aí você vai tentar explicar as coisas nesse ponto é bem complexo sim.

Eu acho que é na escola, eu não sei, essa questão da individualização da criança não é o mais comum, deles serem tratados como diferentes pela própria quantidade de criança. Então isso é uma coisa que eu fico de olho assim, que eu fico prestando atenção para ver se como é que ele tá reagindo esse ambiente. eu não acho que eu vou achar uma escola que seja perfeita. Eu não tenho certamente não vai acontecer E aí eu acho que a gente tem partir da ideia de pesar as coisas, o que a escola está trazendo de ganhos melhores, não é só conteúdo, como é que é a forma que ele trata as crianças, quais os valores exatamente.

De qualquer forma é um negócio difícil, se você for parar para pensar a escola que o Pedro está, tem coisas de valores, eles falam muitas coisas legais, fazem projetos, mas no final das contas ele vive em uma bolha. Então não adianta só a escola, você tem que trazer em casa e a escola tem que trazer

um complemento na verdade. A escola não é responsável por essa educação, não deveria ser só ela. Ela tem que passar conteúdos, ela tem que passar valores, ela tem que passar tudo, mas muito disso tem que vir de casa. Uma parceria, é fundamental a parceria dos pais e da escola, e tão legal quando os pais são de fato parceiros da escola, quando a escola dá essa abertura, não para brigar, questionar, mas para você saber, participar dos projetos da escola. Se a escola se preocupa com isso, eu acho bacana.

Professor também que eu é mais fundamental ainda, eu acho que ser um professor muito técnico, muito bom e tal. O professor tem que ter uma empatia muito grande, assim né? Tem que ser uma coisa que a criança se sinta bem, acolhida. Até porque, eu acho que aprender tem muita relação com a afetividade assim né? Então não adianta muito você só chegar lá é ser bom em matemática se não tivesse afetividade. Não sei até que ponto esse aprendizado vai ser um aprendizado vai ser bacana. Eu gosto muito de associar isso, os professores e essa questão de afetividade né? Como Pedro se relaciona com eles, como eles se relacionam com as outras crianças e tal né? Isso é fundamental na educação para você de fato aprender. Eu tive como na experiência escolar, com os meus professores não eram tão assim sabe? Então você ficava assim: ai meu deus o que to fazendo na escola mesmo sabe? o que eu to aprendendo? O que eu to fazendo aqui? Por que eu tenho que aprender isso? E os professores com os quais eu tinha uma relação mais afetiva, eu adorava estudar, adorava fazer.

Thainá: Como foi o processo de letramento com o Pedro?

Bianca: Foi muito tranquilo. Ele começou isso já na outra escola, já no começo... Começou a ver um pouquinho dessas coisas de letra quando ele tava no Maternal começou nos 2; Maternal 2 ele via muito Sim... Não era aquela coisa bem... Bem brincadeira e tal, no infantil 1 também foi mais ou menos brincadeira e foi agora infantil 2 que ele começou a pegar mesmo com

essa questão de pegar com mais força. Não tive problema, eu acompanhei bem; mas daquele jeito que eu te falei, sem querer que ele fosse: Nossa você precisa muito saber.

Quando a gente entrou no infantil 2 na escola, a professora na reunião falou assim: “olha as crianças, elas não tem que sair do infantil 2 lendo. Não se preocupem com isso” e eu levei isso muito sério. Tipo assim ele não precisa sair daqui lendo, não vou fazer com que eles leia. Se for uma coisa você é uma coisa natural para ele. Não fiquei ansiosa em relação a isso. Para ele falar um negócio muito natural, assim da questão das Letras, de fazer a junção das letras e tal... e ele começou a ler do nada assim sabe? Uma coisa que foi muito bacana assim na escola porque apesar de ter sido já um letramento foi muito lúdico. Então acho que para ele foi muito melhor e outra coisa o Pedro ama a professora dele, e completamente alucinado. Foi muito natural, ele não teve problema. Vendo o material e o que vem depois da escola, que tem dever de casa todo dia, bem simples, mas todo dia tem. Mas dá para perceber que o lúdico sempre tá no meio, não é algo chato e repetitivo. Não é como a minha época A B C D... Não é assim é muito mais lúdico Sabe? Eles fazem muita coisa de arte no meio, sei lá, vamos falar sobre a Abelha que começa com a letra A e eles aprendem tudo sobre as abelhas. Ele chega “mamãe a abelha faz primeiro faz não sei o quê” fala sobre todas as fases de desenvolvimento da abelha.

Eu acho muito bacana, esse aprendizado. Ele não teve nenhum problema nem com letramento nem com a questão da matemática; nada que fosse para mim, tô agoniada, ao contrário. Às vezes ele está no tapete lendo, está bem devagar lendo, ou ele pega livrinhos de atividade e fica fazendo sozinho, e bem legal. Uma coisa que eu acho que pode ter ajudado muito, então a gente tem como padrão aqui em casa antes de dormir, ele assiste 20 minutos de televisão, a gente lê um livro junto e aí depois ele vai dormir. E a gente tem um livrinho da gratidão que a gente escreve também que foi de bom no dia.

Eu acho que isso ajudou muito assim, porque ele acabou tendo contato com o livro antes, com história antes, e acabou que como eu lia muito para ele, acabou sempre gostando muito de história. Agora ele tá vendo que ele consegue ler sabe? é muito legal porque antes era eu que lia, e agora ele faa: “ não mamãe, sou eu quem vou ler”. É fofo ver lendo, e ver os bilhetinhos “ mamãe você é a razão da minha existência” razão com s sem acento.

Thainá: Ele sempre estudou em escolas privadas?

Bianca: Sempre escolas privadas, tirando o berçário do meu trabalho.

Thainá: Como e o grupo do WhatsApp?

Bianca: Tem grupo sim do WhatsApp das Mães, eles não fazem essa coisa da comparação; perguntando se os menino o Fulano tá mais ou menos, isso não tem. Podem acontecer aqui todas essas mães entraram na escola agora, também. A gente está se conhecendo agora entendeu? Então assim eu acho que essas coisas de você falar assim: “Ah meu filho lê... o meu filho faz assim... não teve ainda esse tipo de discussão. Já presencialmente algumas comparações, o pessoal começou a perguntar, mas eu vejo que tem um pouco de melindre dos pais, já que a gente não se conhece ainda, os filhos vão ficando amigos e nós ficamos juntos. Vejo as pessoas temerosas, de perguntar...“vem cá o seu filho já sabe fazer contas?” Ainda não tem muita liberdade. Ontem por acaso foi à primeira vez que eu vi que o pessoal ostensivamente trouxe essas questões desse relatório, que eu te falei. Começou a questionar falar assim: “mas eles falaram isso”? “Mas a professora falou aquilo?” isso foi uma mãe que tava muito angustiada porque a filha dela tinha... a professora falou que muito provavelmente ela precisaria de acompanhamento psicopedagógico no ano que vem. Que ela não tinha ido tão bem assim nessa questão do letramento. E eu vi que ela estava

angustiada, e ela já tinha falado comigo antes, quando ela tinha me encontrado na escola e ontem ela jogou para o grupo de pais. Os pais acabam falando numa boa das coisas duas coisas negativas e positivas. Não vi incômodo, mas pareceu o pessoal mesmo não tendo ficado incomodada, eles estavam patinando. Eu acho que a gente não chegou nesse ponto ainda, de ter a comparação, mas isso ainda vai rolar isso daí.

Acho que é uma coisa muito presente na questão da educação né? que agora na educação infantil a gente ainda está muito ligada essa coisa da brincadeira do lúdico, mas na medida que as crianças vão crescendo a gente percebe que as escolas começam a ficar conteudistas. Elas vão se preocupando muito com a questão do conteúdo, até porque existe mesmo uma competitividade até das escolas de falar que é a melhor escola, que passa no melhor vestibular; isso mais para o futuro, mas assim, para ter maior base. Então isso é muito comum. Você que começa até de forma massiva de conteúdo.

ENTREVISTA 2

Bruna: Meu nome é Bruna eu tenho 41 anos e eu tenho dois filhos.

Bruce: Meu nome é Bruce é tenho 42 anos. Somos os pais de Tiago e da Aurora.

Bruna: Tiago tem 12 e Aurora tem 7.

Thainá: Vocês se consideram um classe média, baixa ou alta?

Bruna: acho que classe média a gente mora num lugar legal, mas não é no plano piloto e a gente ainda se esforça para caramba para pagar as contas, então eu direi a classe média.

Thainá: As crianças estudam em escola privada ou pública?

Bruna: O Tiago sempre estudou em escola privada desde que começou a vida escolar. A Aurora começou na escola pública, fez Maternal e Jardim na escola pública e aí foi para a escola particular quando a creche acabou. Ela ficou na creche até quase 4 anos, na creche pública e depois escola particular.

Thainá: Como foi o processo de alfabetização na educação infantil? Educação infantil de 0 a 3 anos na creche, e de 4 a 6 anos na escola.

Bruna: O Tiago, primeiro filho. A gente optou por colocar numa escola pequena porque ele demorou a falar. Tiago só foi falar mesmo com outras pessoas, articulando direitinho com três anos mais ou menos. A gente foi a fonoaudióloga, a pediatra, ele não tinha nenhum problema. Era só porque ele era um filho único, neto único, sobrinho único no que todos os adultos faziam todas as vontades dele. Então ele não precisava se comunicar para conseguir o que ele queria, então a gente optou por uma escola pequena sabendo que ele teria uma certa dificuldade de se fazer entender e teria uma dificuldade de adaptação também.

A escola ia até o jardim 2. Quando acabou a escola, a gente procurou uma escola maior que tivesse um integral. A gente colocou ele em uma escola maior mais estruturada, em fim, que não era em uma casa (que a primeira

escola dele é numa casa) um outro grau de tamanho, até de profissionalismo das escolas bem diferente.

Bruce: Eu lembro bastante que sempre se frisava “olha último ano, não é para ele aprender a ler, e só para ele se acostumar. Não é para ele ler ainda está muito cedo” e o que a gente via era totalmente diferente. E que realmente estavam tentando fazer com que ele lesse alguma coisa. E isso foi meio que forçado, inclusive um pouco desse problema, dele ter começado a falar mais tarde. Eu senti que ele não estava preparado para isso.

Mas mesmo assim foi estimulado, vou falar assim,

Thainá: Os outros pais também queriam que...

Bruna: Era a escola, a gente não teve muito o que opinar. A escola... a gente teve um problema. Com a escola porque ele sabia as letras, ele saiu do Jardim 2 sabendo letra cursiva. E aí a gente falou: Nossa!

E a letra dele é sempre foi muito bonita, ele sempre foi muito elogiado pelas professoras, ele fazia as letras, fazia letra cursiva lindamente no Jardim 2. Até que ele chegou na outra escola, ele era o único que sabia letra cursiva, mas ele não sabia que ele tava desenhando.

E foi aí que a gente percebeu que para ele as letras eram um desenho, não eram letras. Ele não via o significado naquilo, ele só copiava. Era como se ele tivesse copiando um desenho do snoopy entendeu? Ele viva e ele fazia igual, e lindo. A letra linda, mas ele não sabia o que era. Então a alfabetização dele foi muito mais difícil para gente porque as crianças da turma dele todas já sabiam as letras. Já ele não.

Então a gente teve que fazer todo um trabalho junto com a escola, com o pedagógico da escola. O pedagógico da escola super acolheu a gente, indicou fonoaudiólogo para gente. Indicou jogos, indicou que a gente poderia fazer e aí a gente teve que fazer um trabalho junto com a escola, porque a escola sabia que ele não estaria lendo e escrevendo, mas ele precisava reconhecer as letras. A escola esperava que ele no primeiro ano tivesse reconhecendo as

letras escrevendo algumas coisas e aí a gente teve que correr atrás disso que a creche dele, a primeira escola dele não deu.

Já com a Aurora essa transação foi muito mais fácil porque ela saiu da creche pública para uma escola particular com a gente achando que ela iria para o Maternal 2. como o aniversário dela é em abril ela teria que repetir o Maternal 2 por que ela era pequeninha. Só que foi bem na época que conseguiram passar uma liminar e tal, e aí quando a gente chegou para reunião dos Professores encaminharam a gente para reunião do Jardim 1. A gente ficou bem preocupado porque ela tava vindo numa escola pública a gente com medo dessa, já tinha já tinha se queimado na alfabetização do Tiago a gente não queria se queimar de novo na alfabetização da Aurora. Mas a escola me garantiu que se eles detectassem que ela não estava acompanhando a turma, que eles realocariam ela, voltariam para o Maternal, enfim o que fosse preciso. E ela se adaptou muito bem, eu noto com ela que, a turma parece que pega no começo do ano, e ela deslança no segundo bimestre.

Eu vejo que ela no primeiro bimestre é uma luta, um pouco para ela e aí no segundo bimestre, no segundo semestre e eu vejo que ela consegue relaxar e ela fica no mesmo nível da turma. Mas é algo que já é normal na nossa dinâmica a gente tem algumas questões, mas a gente sempre conversa com a professora.

Então com isso a alfabetização dela foi muito mais tranquila, que ela já tava no esquema, ela já tava preparada pro que ela ia encarar no primeiro ano fundamental. Preparada assim né? porque era a mesma metodologia, as professoras se conhecem, as professoras se conversam. Então quando ela passou de ano as professoras já sabiam de todo o histórico dela, foi muito mais fácil.

Enquanto o Tiago eu tive que ir em todas as reuniões, contar toda a história para cada professora, então quando ele teve um problema de audição que a

gente descobriu que o problema dele de escrita era porque ele tinha um problema de audição. A gente teve essa dificuldade com ele. acaba o que, se a gente tivesse que fazer de novo, talvez eu não teria optado por duas escolas diferentes. A parte do Jardim, talvez a gente tivesse colocado na mesma escola. Porque fez diferença absurdamente da alfabetização de um pro outro. Eu fico muito ansiosa com alfabetização, por que eu gosto muito de ler, eu gosto muito de ler mesmo, então a alfabetização é algo que eu fico ansiosa quando a professora chama, e ela mostra a garatuja, e fala para todo mundo: “aí isso é normal, você não pode corrigir”. Me dá um negócio, de não poder corrigir. Me dá um negócio sabe tipo, até hoje eu tenho que me segurar quando ela me pergunta: “aí fazer é com... “ e ela fica “z z... é com s ou é com z”

eu já me coso para da resposta logo, acaba logo com isso. Mas eu sei que não pode.

Eu achei que com ela fosse mais calmo. Eu achei que ia ficar menos ansiosa. Não. Eu fiquei ansiosa, igual ,até ver que ela tinha mesmo se apropriado das palavras e perceber que ela tinha esse delay em relação ao resto da turma. Saber perceber que ela precisava de uns três, dois, três meses até pegar o ritmo. Até eu perceber que ela precisava desse tempo, eu fiquei bem ansiosa depois que eu percebi que era o tempo dela e eu acalmei.

Bruce: O que a gente percebe, a Aurora na idade que esta tem muito entendimento, tem uma leitura e escrita muito melhor do que a do Tiago com a mesma idade. Isso aí, é gritante a diferença.

Bruna: Foi na idade dela que a gente descobriu o problema dele.

Bruce: Metade dos problemas dele, ela não passou nem metade dos problemas que ele passou na alfabetização. Uma coisa também que deixa a gente ansioso é essa cobrança: “ olha, tem que star lendo tantas palavras nessa idade, se nessa idade não tiver lendo, tem algum problema...” mas

assim, que a gente notou que cada criança tem um ritmo diferente de aprendizado.

Bruna: E as professoras até falavam isso para gente assim. Olha teve uma professora que a gente gostou muito, foi a primeira professora do Tiago na escola (que ele tá até hoje) que ela tá não tá mais lá, se mudou até de Brasília em que ela virou e falou assim, que ela mostrou um conto no primeiro dia de aula em que ela falou que: “a alfabetização era igual o tempo da lagarta virar borboleta, cortasse o casulo para ajudar a borboleta a sair, que ela morria lá, que ela cai e ela não consegue voar porque ela não está pronta.”. Esse é um conto que eu trago pra mim. O Tiago tá com 12 eu trago desde os 5 anos de idade, desde que ele entrou no 1º ano do fundamental. Que eu trago isso comigo, desde que essa professora falou isso na reunião de pais. E é uma coisa assim que me marcou muito, porque exatamente pela dificuldade toda que ele teve. Como sempre, desde sempre até a gente levar uma fono, e levar uma psicopedagoga, e ele fazer terapia, e a gente fazia exames, descobrir e ele tomar remédio, fazer cirurgia. Assim até ele finalmente aí, quando ele tava no quinto ano eu acho, e que ele conseguiu, que a gente sentiu que ele tava no nível do resto da turma. Sempre com muita angústia e com muita ansiedade, por que as professoras sempre diziam: “Olha eu preciso que ele esteja fazendo isso sozinho, olha ele está cometendo muitos erros e a gente vai descontar ponto”. Tá, mas ele tem algumas condições, ele tem algumas coisas. então eu tinha que ir a todas as reuniões. Eu tinha que conversar. A coordenadora pedagógica ajudou muita gente, porque eu fiz muita reunião com ela. E ela entendia esse lado e ela amenizar a esse lado, mas em alguns momentos eu tinha a sensação de que essa conversa não chegava que eu que precisava fazer essa ponte sabe? Chorei muito em reunião de professora. Eu chorei muito mesmo, acho que choro até hoje. Vai ver é por isso as professoras dele não me chamam mais, porque são 12. Hoje eu vejo que ele tá... não que ele não lute, não que ele não tenha

dificuldades, não que ele não tenha problema com a nota e a gente tem que correr atrás e a gente tem que estudar junto, a gente tem que mudar a estratégia de estudo enfim, mas é algo que é normal de qualquer outra criança, não é algo que é por algum motivo fora da curva por causa de uma deficiência de fundamento.

Eu acho que foi o principal para gente, para ele, é que a gente achou que toda a dificuldade dele era a falta de fundamento, quando a gente descobriu que além da falta de fundamento, ainda tinha falta da audição e a falta da visão. Quando a gente descobriu que ele precisava de óculos, e que a miopia dele aumenta em um nível muito rápido, então foram vários disparadores, vários gatilhos de ansiedade em relação a alfabetização dele em que única coisa que ajudou a gente mesmo foi o fato de que eu tava muito na escola. Muito presente na escola e a escola me acolheu todas as vezes que eu tava lá. Todas as vezes que eu chorei, todas as professoras me entenderam, todas me acolheram e assim a coordenadora me acolheu e me acolhe até hoje.

Por que a gente acha que está errando, óbvio né? A gente acha que tem algum problema, que a gente não fez direito, que a gente precisa ajudar. E eu mesma achava que como eu tive que ajudar, que a gente teve que ajudar na alfabetização dele, a gente comprou o jogo, com a Aurora eu tentei fazer a mesma coisa.

Eu fui atrás de jogos, de livros daqueles almanaques, os dela estão todos sem preencher, todos sem fazer por que ela nunca precisou. Então ela só precisava de tempo. Como a gente teve um monte de problema com ele, e acabou tudo dando certo no final, eu trouxe essa ansiedade para ela também. Sendo que ela só precisava de tempo mesmo. E eu tentei cortar o casulo dela também. Tentei ensinar por fora, tentei ajudar por fora, porque achei que ela precisava do mesmo apoio que ele quando na verdade ela precisava deixar ela crescer. Vem um pouco... a gente estava meio gato escaldado e não queria que ela passasse pelos mesmos problemas que ele né? de adaptação.

Eu acho que a ansiedade acabou sendo ruim para os dois. Ruim para ele, porque eu achei que era tempo e não era. Ele realmente tinha problemas, que ele precisava de ajuda e com ela, porque eu achei que tinha problemas mas ela precisava de tempo. O famoso “não existem dois indivíduos iguais” e a gente tenta criar os filhos da mesma maneira igual e a escola facilita essa homogeneização das crianças né? quando ela mostra exemplos na reunião de pais “ Ah! é isso aqui é a garatuja, isso aqui...” eu fico logo procurando, ficava né? hoje em dia... depois a gente aprende a relaxar, respirar. Mas eu ficava procurando para ver. Meu Deus será que ela mostrava os erros né? tinha uma professora que botava os erros: “Olha aqui tá vendo? errou essa palavra. Errou esse nome”.

Eu falava:

-Meu Deus será que a Aurora! Ai meu Deus será da Aurora né?

Ficava

-Não, meu Deus. não é da Aurora. aí eu acho que a letra da Aurora.

Bruce: Embora a escola ajudasse bastante. Acaba causando essa ansiedade na gente mostrando, comparando.

Thainá: A escola comparava muito as escritas das crianças?

Bruna: Na realidade ela comparava sem comparar. Ela mostrava como exemplo tipo: Olha a criança pode estar nessa fase ou nessa fase” e aí ela pegava um trabalhinho da turma como exemplo. “Ou nessa fase, ou nessa fase”. E aí era 3 trabalhos da turma e aí ”é normal cometer esses erros” e ela pegava. Não era comparando, era ensinando aos pais o que a gente podia esperar. Mas ela usava os exemplos da turma, então nós como pai, já comprava no grupo de WhatsApp (o que era óbvio) que era um inferno, e eu saio sempre dos grupos do WhatsApp, que eu não dou conta é outra fonte de ansiedade, em que você vê as mães falando: “ ah! A fulaninha leu todo o livro sozinha” ela adora ler, e aí tira foto da fulaninha lendo com livro na mão e posta no grupo. E aí você fala: minha filha não consegue ler o nome

da primeira página, porque ela cansa. Porque ela acha chato. Porque ela não dá conta. Porque ela não tá pronta. E aí a gente fala cara, tem alguma coisa errada, por que já teve alguma coisa errada e agora deve ter alguma coisa errada de novo. O que eu tô fazendo de errado? Por que ela não gosta? Por que ela não quer? Por que ela não consegue? E não é que a escola compare a gente compara com a informação que a escola dá para gente.

Thainá: E parece que os pais também dão informações. Parece que os pais também se comparavam muito.

Bruce: acaba se tornando um ambiente competitivo.

Bruna: Sim, o que é extremamente insalubre para uma criança. Um ambiente competitivo desde alfabetização, mas todavia contudo entretanto tem pais que acham que hora da soneca desnecessária. Igual o problema que a gente enfrentou no integral, quando o Tiago tava no integral, teve uma campanha dos pais contra a hora da soneca. Por que achavam que era uma hora perdida. E aí nós obviamente achamos, e ainda achamos até hoje, tanto que a Aurora quando ela pode ela tira a soneca, e a gente acha ótimo porque ela fica uma pessoa muito melhor depois que ela dorme à tarde. Faz parte de descanso. O lúdico faz parte. E a gente sempre estimulou isso, a gente inclusive gostaria de ter achado escolas menos conteudistas. Mas a gente sabe que quanto velhas as crianças vão ficando, mais difícil é de você achar uma escola que não seja conteudista. Então a gente optou por essa escola porque apesar que você conteudista, ela tem feira de ciências, ela tem olimpíadas (o que não deixa de ser uma competição) olimpíada de astronáutica, ela tem ética, ela tem filosofia, ela tem educação financeira. Então ela tenta fazer com que a criança seja um ser funcional em todas as esferas, apesar de ser conteudista. Mas a cobrança do mundo é essa. Então, enfim, eu acho eles muito novos para 5 anos estarem no primeiro ano do fundamental, mas é como é hoje. Quando adiantaram ela, acharam que eu ia ficar feliz né? eu não fiquei. Muito pelo contrário foi mais uma ansiedade

que gerou em mim, porque eu achava que ela não ia adaptar. Eu achava que era para repetir o maternal, mas ela tá aí. Tá adaptada é isso.

Há muito custo nosso, a gente sabe que grande parte da ansiedade é nossa. E tenta não passar essa ansiedade para eles. Que eu acho que é o mais importante, apesar de eu ter muita ansiedade em relação a leitura deles. Eu tenho mesmo, eu falo para a professora de redação, eu chego para ela e falo: “ele não gosta de ler” e a professora de redação ri e fala assim: “acha alguma coisa que ele goste, acha um livro que ele goste.”, e a gente vai, a gente compra. E realmente é verdade, quando ele pega o embalo, ele lê. Ler gosta de ler, mas hoje são muitos estímulos de recepção e aí ler não é receptível ne? Ler é.. ler exige de você. Então você não pode ser um mero espectador de um livro. Então é mais fácil, videogame é mais fácil, celular é mais fácil, a televisão é mais fácil. Então eu entendo eles preferirem os meios receptíveis do que ler. Do que brincar, de desenvolver ver alguma coisa. Mas isso me gerou uma ansiedade enorme e eu tento não passar para eles. Hoje eu acho que as coisas estão mais... a Aurora é uma que toda vez que ela começa a ler, ela dorme. Ela dorme.

Bruce: Não é verdade, quando ela tá cansada ela dorme mesmo

Bruna: Ela pegar um livro, comigo ela... eu volto 5 minutos depois ela tá dormindo.

Bruce: É de noite, mas de manhã ela leu livro completo.

Bruna: Mas aí ela acorda no dia seguinte, eu fico mal eu falo “meu Deus ela tá dormindo ela toda vez que ela dorme”. Aí outro dia eu acordei ela tinha acordado antes da gente e já tinha pegou o livro leu e terminou e adorou o livro. Já fez a ficha de leitura. Sozinha, eu não mandei. Eu não pedi, eu tava dormindo aqui. Eu acordei tava tudo pronto. Então assim, mostrando para mim que a minha ansiedade é totalmente descabida. Mostrando para mim de novo, que eu só preciso dar tempo para ela. Mas isso é coisa que vem com a

maturidade da gente também, veio com a maturidade de eu estar lidando com a minha ansiedade de várias frentes e essa é só mais uma né?

ENTREVISTA 3

Thainá: vou deixar você falar porque quando a gente, por esse trabalho que eu to fazendo se eu fizesse um roteiro estruturado muita coisa ia ficar de fora.

Letícia:uhum.

Thainá: e algumas nuances que as pessoas falam são mais enriquecedoras, bom é isso.

Letícia: bom meu nome é Letícia. Eu sou formada há 7 anos e trabalho com a educação 12 anos, mas sou formada há 7. Esse é meu quinto ano de regência e em muitos momentos a gente se pega ansioso pela cobrança excessiva dos pais, a gente sabe que em muitos momentos a gente é capaz e que a criança na verdade é capaz e o professor como orientador desse processo ele vai conduzir para que a criança chegue, né, ao êxito. Mas a ansiedade dos pais as vezes, como que eu posso falar, quando os pais estão inseguros, a insegurança dos pais traz para dentro da sala de aula alunos que são inseguros. Toda essa insegurança gera um processo que dificulta né, o avanço dessa criança e aí a gente se sente muitas vezes incapaz, porque só a escola não consegue fazer, a gente precisa da família e aí muitos momentos a família a criança traz de casa uma imagem do que é aquela família né, aí a gente percebe que a criança vem de um contexto onde os pais são inseguros, os pais não confiam na criança, não dão autonomia para a criança e tudo isso vem dificultar o andamento desse processo.

Thainá: A gente sabe que na educação infantil não é obrigado a leitura

Letícia: Sim, exatamente quando hoje em dia tem muitos grupos de WhatsApp e os pais tem muita necessidade de compartilhar o que os filhos fazem, muitos pela questão de estética né, uma questão de “simplesmente meu filho é o melhor” e outras são porque são mães e pais e isso é normal é um processo lindo mesmo ver o filho avançar e isso dentro dos grupos isso

causa muita comparação. Porque esse comparativo “poxa meu filho não está nessa fase” então gera uma série de perguntas onde enchem a cabeça da criança tentando fazendo com que a criança avance sendo que a criança precisa ainda avançar uma série de outras coisas e ela ainda não está pronta para aquilo então a gente sabe que aquele não é habilidade da educação infantil, falando principalmente do jardim 2, que é a última série da educação infantil que a criança saia lendo. Mas devido a essa comparação e devido aos pais serem tão ansiosos, a nossa sociedade está ansiosa ela sofre desse mal de ansiedade, então os pais têm a necessidade de cobrar, sempre cobrando mais e esquecem que o brincar por trás disso tudo é o mais importante que uma criança de 5 anos é uma criança né, a gente não pode esquecer disso em nenhum momento.

Então, na verdade quando a gente tem segurança daquilo a gente vai, o nosso trabalho é feito mas o que acontece todo mundo é ansioso, nós vivemos em uma sociedade ansiosa e os professores também estão, então eu me vejo assim em alguns momentos, não sei se a palavra certa seria ansiedade mas uma preocupação talvez até excessiva exatamente por esse processo o que acontece, a criança, a gente trabalha com aquela criança e a gente percebe uma dificuldade naquela criança, você chama o pai para conversar, você faz uma reunião com aquele pai então você espera que a família de o retorno devido para aquela sua colocação. Você colocou que a criança tem aquela dificuldade que a criança necessita trabalhar, necessita ter outro tipo de trabalho com aquela criança, fazer toda uma intervenção diferenciada, uma intervenção pedagógica diferenciada para que aquela criança avance e você explica pro pai tudo e você vê no dia a dia que aquilo não acontece e você vai vendo o tempo passar e tudo que esta ao seu alcance você vai fazendo, mas você percebe que aquela criança não tem avanço, mas porque a escola sozinha não consegue e então isso sim causa uma ansiedade,

isso sim causa uma preocupação do tipo “poxa, eu tento, eu to fazendo a minha parte, mas e a família?” eu sei, mas os pais não tem formação para alfabetizar. Mas seguindo orientação do que foram passados os pais tem sim condição de sentar e fazer uma atividade com o filho, de dar atenção para aquele filho, que muitas vezes a gente sabe hoje em dia que os pais tem babá, o tio ou a tia que fica com a criança. A gente sabe da necessidade do ser humano em ter que trabalhar deixar o filho em casa e trabalhar, a gente sabe disso. Mas o uso dos celulares também tem dificultado muito essa relação então o que mais me causa ansiedade dentro desse processo é exatamente a falta de estímulo da família com a criança e isso me deixa muito ansiosa mesmo e preocupada.